

A Ucrânia tem uma longa história de disputas territoriais e influências culturais. Durante o Império Russo, a Ucrânia foi dividida entre diferentes potências, incluindo Polônia e Rússia. No século XX, após a Revolução Russa (1917), a Ucrânia declarou independência, mas foi incorporada à União Soviética (URSS) em 1922.

Na Segunda Guerra Mundial, a Ucrânia foi um dos territórios mais devastados, sofrendo com a ocupação nazista e depois com o domínio soviético. Durante a Guerra Fria, a Ucrânia foi uma república soviética estratégica, abrigando indústrias pesadas e armas nucleares. Para a União Soviética, a Rússia era um território essencial, e durante a Segunda Guerra e a Guerra Fria, a importância do país para os soviéticos era inquestionável. Porém, a destruição devastou o país.

Com o colapso da URSS em 1991, a Ucrânia tornou-se independente, mas manteve laços econômicos e políticos com a Rússia. Os países mantinham uma relação pacífica, porém, em 2014, a Crimeia, região de maioria russa, que havia permanecido sob controle ucraniano, tornou-se um ponto de tensão. Em 2014, a Rússia anexou a Crimeia após um referendo controverso, e separatistas pró-Rússia, principalmente militares ucranianos, iniciaram conflitos no leste da Ucrânia, contribuindo para a guerra ativa anos mais tarde.

A Crimeia é uma península no Mar Negro, e causa da maior parte das tensões e conflitos entre a Ucrânia e a Rússia. Após o fim da Guerra Fria e a independência da Ucrânia, o território era internacionalmente reconhecido como ucraniano, entretanto, grande parte dos habitantes eram russos e as influências culturais eram majoritariamente russas. Em 2014, Vladimir Putin anunciou a anexação russa da Crimeia, medida que nunca foi devidamente reconhecida, mas este evento foi o grande marco do início do conflito.

O então presidente ucraniano, Viktor Yanukovich, era apoiador da Rússia, e após medidas pró-Rússia e anti-Europa, grandes protestos irromperam no país, conhecido como Revolução do Euromaidan. Enquanto grande parte do país era contra Yanukovich, o sul e o leste ucraniano apoiavam e tinham laços fortes com a Rússia.

O presidente fugiu da Ucrânia, e a Rússia, em retaliação, ocupou silenciosamente a Crimeia, com forças especiais russas controlando a região. O governo negou envolvimento, porém, alguns dias depois, um referendo controverso (muitos afirmam sua fraudulência) definiu a separação da Crimeia da Ucrânia, e logo após, a anexação da península com a Rússia. Essa decisão nunca foi reconhecida internacionalmente, mesmo com Putin assinando um tratado que o afirmava.

Desde 2014, a Rússia ocupa a Crimeia, mesmo ainda sendo considerado um território ocupado ilegalmente, e em 2022, a Rússia invadiu território ucraniano, com o objetivo de consolidar seu controle sobre a região, sob a justificativa da proteção do povo russo que lá habita.

A guerra se agravou desde 2022, com inúmeras mortes, ataques terrestres e aéreos de ambas as partes. A Ucrânia recebe apoio financeiro e militar de muitos países, incluindo os Estados Unidos, União Européia entre outros, resultando em uma retaliação em força. A Rússia por outro lado, persiste nos ataques, com o principal apoio da China. A Rússia, porém, sofreu sanções econômicas e outras restrições dos países ocidentais, e sua ocupação na Ucrânia causou crises sobre fornecimento de matérias primas para toda a Europa. A guerra continua até hoje, com resistência ucraniana, até a recuperação de alguns territórios.

O presidente russo, Vladimir Putin, é quem comanda todas as ações da Rússia, inclusive da invasão de fevereiro de 2022. Em seu olhar, o ataque é justificado como uma defesa contra a OTAN.

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, é uma imagem de resistência, por sua vez, buscando o apoio da OTAN e da União Europeia. Com o apoio conseguido, a Ucrânia consegue se manter na guerra. A destruição de cidades e o número de mortes é evidente, entretanto, sem o apoio conseguido, os ataques russos seriam muito mais eficientes e mortais.

Durante o governo de Joe Biden nos Estados Unidos (2020 - 2024), suas ações eram de apoio para a Ucrânia. Os EUA foram um dos principais provedores de forças armadas e artefatos de guerra, mantendo a Ucrânia na guerra com chances de retaliação. Além disso, a participação dos EUA na guerra foi essencial para a resistência ucraniana. O apoio de Joe Biden a Zelensky foi armamentista e estratégico, algo apenas revelado recentemente pelo jornal americano "The New York Times", garantindo certa vantagem "secreta" aos ucranianos.

Uma das causas do conflito é, com o distanciamento da Ucrânia da Rússia, a tentativa do país de entrar na OTAN, aliança militar entre países do hemisfério norte. Historicamente, a OTAN foi utilizada como uma aliança de países ocidentais contra a União Soviética, no contexto da Guerra Fria. A Rússia procurava impedir a junção da Ucrânia com a OTAN, por risco à sua segurança, mas com o conflito agravado, o apelo ucraniano para entrar na OTAN aumentou, assim como, a ameaça que a Rússia considera estar sob.

Em 2025, Donald Trump assumiu a presidência dos Estados Unidos, e assim como já havia afirmado, uma de suas primeiras medidas foi suspender os auxílios à Ucrânia e a tentativa de chegar a um acordo com Putin sobre a guerra. Ele expressou seus interesses claros em conversar e mediar o fim do conflito, até ameaçando impor tarifas sobre a Rússia e países que comprem matéria prima da Rússia caso Putin não responda ao possível acordo.

A resolução de Trump poderia ser uma resposta para o fim da guerra, sem que algum dos países tenha que ser devastado, mas Putin questiona a legitimidade de Zelensky em assinar um tratado de paz e faz diversas exigências.

Além dos principais envolvidos, a guerra leva participação de diversos países. Os Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, países da União Europeia, entre outros, apoiam explicitamente a Ucrânia, enviando armamentos ou soldados, ou até com informações e estratégias. A Coreia do Norte, China, Bielorrússia e o Irã são países que apoiam a Rússia, financeiramente, com armamento, ou apenas apoio político (caso da China). Outros países, como o Brasil, se mostram imparciais quanto ao conflito, e buscam uma resolução de paz.

Na atualidade, não há uma resolução da guerra da Ucrânia, e pode-se afirmar que a guerra está desgastada, e seus impactos negativos são inúmeros. Não se sabe o número exato de mortos até o momento, mas está na casa de centenas de milhares, entre soldados e civis ucranianos e russos. Cidades na Ucrânia, como Kiev, Mariupol, Kharkiv, Chernihiv, Kherson, entre outras, foram as mais impactadas com os ataques russos, principalmente aéreos, segundo a UOL.

Devido aos ataques constantes e mortais no país, um número maior que 10 milhões de pessoas se encontram deslocadas em 2025, cerca de 6 milhões de pessoas se refugiando em países europeus vizinhos, segundo a ACNUR. Atualmente, a Rússia se encontra sob diversas sanções econômicas da União Europeia e dos Estados Unidos, que procuram forçar Putin a recuar nos ataques.

No presente, porém, não se pode afirmar que a Ucrânia é inocente no conflito. Com ajuda de gigantes armamentistas, a Ucrânia retalia em grande peso no conflito, também causando destruição e mortes. Mesmo que seu motivo seja mais nobre (defesa ou resposta para os ataques) a violência nunca é justificada, e os países devem sempre buscar o fim de conflitos e a melhor resolução para todos.

O futuro do conflito permanece incerto, mas é possível especular sobre futuros e prováveis resoluções. Assim como a vitória de qualquer uma das partes, principalmente da Ucrânia, com mais apoio militar, seria possível, também é viável a escalção da guerra, englobando cada vez mais países com consequências piores. Atualmente, porém, a resolução mais provável, pode-se dizer, é um acordo de paz entre as partes, com exigências de ambos os lados.

Donald Trump, desde antes do seu segundo mandato como presidente dos Estados Unidos, já havia expressado seu desejo de acabar com a guerra e fazer um acordo com Putin. Isso se estendeu em 2025, em que ele tenta mediar um acordo de paz entre a Ucrânia (e os EUA) e a Rússia. Este pode ser um cenário futuro, mas a tensão entre as partes dificulta a oficialização. Zelensky afirma a volatilidade de Putin e sua facilidade em quebrar acordos, e Putin faz exigências, como a garantia que a Ucrânia não entre na OTAN.

Nenhum acordo foi firmado até o momento, e mesmo com promessas e falas dos líderes mundiais, não é possível fazer nenhuma afirmação quanto ao futuro do conflito.

A guerra da Ucrânia é um conflito extremamente complexo, com raízes históricas e implicações globais que afetam grande parte do mundo, muito além, apenas, dos países diretamente envolvidos. Volodymyr Zelensky e Vladimir Putin ambos têm suas motivações, mas o líder ucraniano tem o apelo da mídia, e tinha o apoio dos Estados Unidos. O fim da guerra pode estar se aproximando, após três anos de conflito ativo entre os países e devastação e mortes incontáveis, e os impactos dele vão deixar um legado de destruição por toda a Europa.

O custo para a guerra aumenta, mas não se deve esquecer a principal consequência de todo o conflito: todas as vidas perdidas, militares ou civis, e o custo humanitário no povo ucraniano, grande parte forçado a se deslocar e deixar suas casas para sempre. Mesmo com o fim do conflito, as regiões afetadas nunca serão as mesmas, e a reconstrução pode exigir milhões de dólares, além das feridas na população devastada.